

TORCER, VERBO TRANSITIVO: MULHERES NOS ESTÁDIOS (BRASIL, 1940-2023)

Nathália Fernandes Pessanha¹

Resumo: O presente artigo visa apresentar um panorama sobre as formas e representações do ser mulher e torcedora nas arquibancadas brasileiras, com foco especial de análise para os estádios do Rio de Janeiro. Para tanto, se realizará uma pequena retrospectiva sobre a presença e atuação das mulheres torcedoras ao longo do século XX, procurando demonstrar as mudanças e permanências da ação torcedora ao longo do período. Em seguida, será abordada as diferentes maneiras de se performar o torcer nos estádios, bem como a atuação feminina neles. Este artigo está ancorado nas perspectivas da História Social e de Gênero, entendido como uma relação de poder estabelecida entre diferentes esferas na sociedade.

Palavras-chave: Torcer, gênero, mulheres, arquibancada.

Abstract: This article aims to present an overview of the forms and representations of being a woman and a fan in the Brazilian stands, with a special focus on the analysis of stadiums in Rio de Janeiro. In order to do this, a small retrospective analysis will be carried out on the presence and actions of women supporters throughout the 20th century, seeking to demonstrate the changes and permanence of these actions by supporters throughout the period. Then, the different ways of cheering in the stadiums will be discussed, as well as the role of women in them. This article is anchored in the perspectives of Social History and Gender, understood as a power relationship established between different spheres of society.

Keywords: Cheering, gender, women, stands.

Introdução

Ser mulher e torcedora não é uma combinação fácil. O futebol e as arquibancadas, como representantes da sociedade à qual pertencem, reproduzem e, em muitos momentos, criam barreiras e estereótipos de gênero que fazem com que as torcedoras precisem enfrentar e adotar atitudes que nunca são exigidas dos homens.

Desde o início da prática do esporte no Brasil, homens e mulheres frequentam os estádios e cultivam o hábito de assistir às partidas. Embora tanto o próprio futebol — com seus regulamentos e arenas — quanto a prática de torcer

¹ Universidade Federal Fluminense. Email: nathaliafp@id.uff.br

tenham variado ao longo dos anos, a presença de multidões de torcedores acompanhando seus clubes e seleções no Brasil tem sido uma constante.

Este artigo analisará a presença das torcedoras nas arquibancadas brasileiras, com ênfase no Rio de Janeiro. Para tanto, será feita uma breve retrospectiva das torcidas ao longo do século XX. Em seguida, serão observados o afastamento, a resistência e o retorno da presença feminina em grande número nos estádios e, por fim, serão discutidas as formas de ser torcedora no Brasil, bem como os sentidos de pertencimento e as disputas que isso desperta.

Este artigo tem como fundamento teórico os estudos de gênero, compreendendo o conceito, como aponta Scott, a partir das relações de poder estabelecidas na sociedade.² Esse poder se expressa de diversas maneiras no ambiente social e, nas arquibancadas, manifesta-se como barreiras impostas às mulheres que participam de algumas das práticas realizadas pelas torcidas — muitas vezes sustentadas por argumentos, reiterados inúmeras vezes por entidades esportivas e meios de comunicação, de que a arena do futebol não é um espaço feminino.

Uma breve retrospectiva: mulheres e futebol no Brasil na primeira metade do século XX

As partidas de futebol do início do século XX, inicialmente disputadas por amadores, começaram a atrair um público cada vez maior. É interessante notar que, durante as duas primeiras décadas do século XX, as torcedoras eram uma presença tão marcante nos estádios que chegaram a ser vistas como “torcedoras profissionais”. Associadas à empolgação do jogo ou ao consolo e incentivo a determinado jogador, as mulheres eram consideradas personagens centrais do espetáculo. Como afirma João Malaia:

Duas notas do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 1914, mostram que, no jogo do Botafogo contra a Associação Athletica Palmeiras, no estádio alvinegro da rua General Severiano, área nobre da Capital Federal, o público não era numeroso. Ainda assim, “a presença feminina ali se fazia notar, sendo representada por gentis e elegantes senhoras que emprestavam à festa esportiva o encanto de sua beleza”. No entanto, especialmente nos estádios do Rio de Janeiro, o chamado “elemento feminino” não estava destinado apenas a um

² SCOTT, Joan. Gender: Uma categoria útil de análise histórica. *Revista educação e realidade*. Jul/Dec. 1995.

papel secundário. “Com seus aplausos nervosos e entusiásticos”, como afirmava o mesmo jornal dias depois, as torcedoras conquistavam importância e destaque no espetáculo.³

Sendo presença garantida no espetáculo futebolístico do início do século XX, elas não eram necessariamente reconhecidas por serem torcedoras e por estarem nas arquibancadas apoiando seu time. Eram vistas, sobretudo, como um elemento de ornamentação do evento, contribuindo muito mais para a composição visual do jogo do que como demonstração de alguma paixão clubística.

Algumas décadas depois, o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), com o objetivo de regulamentar as bases da organização esportiva em todo o país. Em seu artigo 54, estabelecia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, cabendo ao Conselho Nacional de Desportos expedir as instruções necessárias às entidades esportivas do país”.⁴ Entre os esportes proibidos pelas regulamentações posteriores do CND estavam, entre outros, o boxe, o polo e o futebol.⁵

Para autores como Brenda Elsey e Joshua Nadel, “a exclusão das mulheres do esporte nacional, especialmente à medida que este se tornava um pilar da identidade brasileira, fazia parte do processo de marginalizá-las como agentes ativos da nação”.⁶ Assim, a proibição da prática do futebol pelas mulheres tem raízes profundas na discriminação de gênero e na associação do papel social feminino à procriação. Nesse sentido, Silvana Goellner nos lembra que:

No início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino por meio de exercícios físicos era visto como uma forma de melhor preparar as mulheres para exercer uma boa maternidade, em consonância com a máxima de que mães fortes geram pessoas fortes (THARDIÈRE, 1940, p. 60). No entanto, nem todas as atividades eram recomendadas a elas, e o futebol, considerado

³ MALAIA, João. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (Bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIA, João M.C.; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **A torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012, p. 64

⁴ BRASIL, Senado Federal. Decreto- Lei nº. 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 15 de março de 2023.

⁵ A determinação da CND, que mencionava especificamente o futebol como prática proibida, foi publicada no diário oficial em setembro de 1941, conforme noticiado no jornal **Diário da Manhã**, em 14 de setembro de 1941, p. 14. Embora seja possível argumentar que a restrição ao futebol feminino já havia sido estabelecida na sociedade muito antes da publicação do decreto.

⁶ ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera. A history of women and sports in Latin America**. US: University of Texas Press, 2019, p. 66

violento demais para a conformação corporal feminina, não estava entre as permitidas.⁷

Durante esse período de proibição da prática do futebol, a presença feminina nas arquibancadas permaneceu constante. As torcidas organizadas, historicamente conhecidas, são um fenômeno que surgiu por volta da década de 1940, no Rio de Janeiro.⁸ Seus principais expoentes são a Charanga Rubro-Negra, do *Clube de Regatas do Flamengo* (1942), e a Torcida Organizada do Vasco (TOV), do *Clube de Regatas Vasco da Gama* (1944), cuja liderança se destacou por ser exercida por uma mulher em tempos em que elas estavam proibidas de jogar futebol.

Segundo Leda Costa, Dulce Rosalina assumiu a liderança da TOV em 1956, substituindo o fundador João de Lucas, tornando-se a primeira mulher a liderar uma torcida organizada. Permaneceu na liderança por duas décadas, até 1976, quando passou a integrar uma dissidência, a Renovascão, da qual foi fundadora e integrante até seu falecimento, em 2004.⁹ Para Costa,

O fato de serem mulheres contribuiu muito para a popularidade tanto de Dulce Rosalina quanto de Elisa do Corinthians, conferindo-lhes singularidade, afinal, nas décadas em que atuaram no cenário futebolístico, as torcidas eram, em sua imensa maioria, formadas por homens. A condição feminina pode conceder certos privilégios, e esse aspecto é bastante claro, especialmente no caso das torcedoras simbólicas.¹⁰

Já no período de surgimento das chamadas torcidas jovens (1960–1970), a presença feminina nas arquibancadas também passou a ser vista sob um olhar de vigilância e restrição — ou mesmo de ofensa e estigmatização —, como no caso do apelido “Maria-Chuteira”, analisado por Costa, conferido às mulheres que

⁷ GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005, p.144.

⁸ A nomenclatura dos torcedores historicamente organizados foi utilizada na minha dissertação de mestrado para servir como diferenciação entre os primeiros torcedores organizados e aqueles que surgem após os torcedores jovens, e que carregam muitos de seus traços. Cf. PESSANHA, Nathália Fernandes. **Arquibancada feminina. Relações de gênero e formas de ser torcedora no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

⁹ COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino. **Esporte e Sociedade**, n.4. Rio de Janeiro. 2006.

¹⁰ Idem, p.9

acompanhavam o futebol, como se todas estivessem ali em busca de um bom casamento.¹¹

A redução do número de torcedoras nas arquibancadas do Rio de Janeiro, se comparada a momentos posteriores e até mesmo ao período “de nascimento” das torcedoras no início do século XX, foi perceptível durante o surgimento dessas novas torcidas, as torcidas jovens. Essa redução deve-se a uma série de fatores, que vão desde o afastamento das lideranças femininas nessas novas torcidas até mudanças na prática futebolística e, evidentemente, ao contexto político que o Rio de Janeiro e o Brasil viviam naquele momento.¹²

Partida e retorno: a presença feminina nas arquibancadas entre 1960 e 1990

Criadas, em sua maioria, a partir de grupos de amigos e marcadas pela efervescência juvenil, as torcidas jovens surgiram no cenário carioca no final da década de 1960. Segundo Bernardo Borges Buarque de Hollanda,

O epíteto “jovem” passou a ser transmitido como uma espécie de lema associado a tudo o que era considerado novo e moderno, com sua impregnação nas mais diversas áreas da sociedade. Denotava menos a condição biológica de uma faixa etária específica, arbitrariamente definida entre quinze e vinte e cinco anos, e mais a manifestação de um espírito livre, de uma nova forma de ser e estar no mundo.¹³

Ainda segundo Hollanda, o primeiro grupo de torcidas jovens do Rio de Janeiro surgiu no Clube de Regatas do Flamengo, em 1967, criado por membros dissidentes da histórica Charanga Rubro-Negra, liderada pelo icônico torcedor Jaime de Carvalho. O grupo recebeu inicialmente o nome Poder Jovem do Flamengo, reivindicando para si toda a mística em torno da denominação, e mais tarde passou a se chamar Torcida Jovem do Flamengo. No ano seguinte, foi a vez do Botafogo criar sua própria torcida, a Torcida Jovem do Botafogo, formada por um grupo de amigos da Rua Miguel Lemos, em Copacabana, que costumavam ir juntos aos jogos. Seguindo o exemplo rubro-negro, o grupo também adotou

¹¹ Marias-chuteiras foi o nome dado às mulheres que acompanhavam o futebol em função dos jogadores, buscando um romance com eles.

¹² Desde 1964, o Brasil vivia sob uma ditadura civil-militar, instalada após um golpe de Estado, que durou 21 anos, encerrando-se apenas em 1985.

¹³ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7letras. 2010, p. 175.

oficialmente o nome de Torcida Jovem. Nesse mesmo ano surgiu a Jovem Flu, criada por um grupo de artistas torcedores do Fluminense, entre eles o ator Hugo Carvana, o compositor Chico Buarque de Hollanda e o jornalista Nelson Motta. É importante observar que essa Jovem Flu não é a mesma que o conhecido grupo Young Flu, criado posteriormente, em 1970, ainda que também tenha se apropriado do peso simbólico do título “jovem”. Já o Vasco da Gama criou sua torcida própria, a Força Jovem do Vasco, no ano seguinte, em 1969.¹⁴

Nesse sentido, é importante destacar a relevância do estádio de futebol como espaço de sociabilidade para esses torcedores e de encontro entre identidades irmãs e rivais. Para Rosana Teixeira, o estádio é também um lugar de enquadramento social e temporal, que permite selecionar determinadas memórias e oferecer um sentido de continuidade, conectando passado e presente, organizando a memória coletiva das torcidas.¹⁵

Em um contexto em que movimentos juvenis eclodiam pelo mundo, as torcidas jovens incorporaram um caráter contestador, voltado contra as gestões tradicionais e conservadoras dos clubes e também contra o comportamento das antigas torcidas organizadas, que mantinham relações amistosas com dirigentes — os chamados *cartolas* — e evitavam ofensas ou vaias por respeito aos líderes históricos. Segundo Hollanda, havia diversas razões para a criação desses novos grupos:

Existiam justificativas explícitas, apresentadas no discurso dos torcedores descontentes. Algumas eram simples, como a doença de antigos líderes e a necessidade de substituí-los. Outras tinham tom acusatório: denunciavam a restrição imposta pelos dirigentes das torcidas, que limitavam a livre manifestação dos torcedores. As alegações giravam, em última instância, em torno do direito de vaiar e criticar o time, seus dirigentes, técnicos ou jogadores, especialmente em momentos de crise.¹⁶

Essas novas torcidas, com seus ideais e motivações que buscavam se diferenciar das formas anteriores, acabaram inspirando gerações seguintes. Por meio de subdivisões internas ou de novos grupos independentes, exportaram

¹⁴ Cf. HOLLANDA, 2010. *Op.Cit.*

¹⁵ TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da Paixão. Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

¹⁶ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIA, João M.C.; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **A torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012, p. 109.

seus modos de torcer e de se organizar — influenciando inclusive as barras e torcidas de alento, que surgiriam depois como alternativas às práticas tradicionais.

No final da década de 1970, os movimentos feministas começaram a ganhar força no Brasil, impulsionados por mulheres que, durante o exílio, haviam entrado em contato com grupos feministas em outros países e, ao retornarem, ressignificaram essas experiências.¹⁷ Em 1975, a ONU declarou o Ano Internacional da Mulher e o início da Década da Mulher, dando maior visibilidade às pautas de gênero. Embora, no caso brasileiro, o futebol feminino continuasse proibido por quase toda a década — com o decreto sendo revogado apenas em 1979 —, o contexto político e social abriu novos espaços de reivindicação.

No que se refere às torcidas, diferentemente do que ocorria nos campos, nenhuma legislação proibia a participação feminina. Contudo, a proibição à prática do futebol pelas mulheres produziu efeitos simbólicos fora das quatro linhas. O futebol era — e em muitos aspectos ainda é — considerado um esporte masculino, tanto para jogar quanto para assistir. A própria gramática brasileira reforça essa lógica, já que o termo no plural é sempre masculino — *torcedores* — para se referir ao conjunto de fãs nas arquibancadas.¹⁸

De fato, a presença masculina era majoritária, e isso se refletia na cobertura da imprensa esportiva, voltada quase sempre aos homens. No entanto, o silenciamento ou apagamento das torcedoras — seja pelo uso da linguagem, seja pela escolha editorial — não deve ser subestimado.

Em alguns momentos, a participação feminina recebia destaque, especialmente no *Jornal dos Sports*, de propriedade de Mário Filho e sua família. Assim, a presença de mulheres nas arquibancadas, no momento em que as torcidas jovens nasciam no Rio de Janeiro, em 1968, foi registrada em casos específicos, como nos exemplos analisados a seguir.

¹⁷ Para mais informações sobre a experiência de mulheres no exílio e em contato com grupos feministas no exterior, ver: PEDRO, Joana Maria. *Narrativas do feminismo em países do Cone Sul (1960-1989)*. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Sheibe (orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

¹⁸ Para maiores informações, ver: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Uma dessas reportagens, intitulada “*Vasco tem mil bossas*”, narrava um jogo entre Vasco e Botafogo.¹⁹ O líder da torcida botafoguense, Tarzan, anunciava as estratégias da torcida, enquanto Dulce Rosalina, líder da Torcida Organizada do Vasco (TOV), afirmava que o clube não “entregaria o jogo” e mencionava que a jovem torcedora Kátia Sale, de 15 anos, havia composto uma marcha especialmente para a partida:

*Com a minha bandeira vou para o estádio ver
Vou tranquila porque sei que o Vasco vai vencer
Danilo, Buglê e Nei
Me fizeram esquecer
Os dias tristes que passei
Agora tudo é alegria, agora tudo é motivação
O Expressozinho voltou, é o Vasco campeão.*²⁰

A reportagem evidencia não apenas a liderança de Dulce Rosalina, mas também a participação feminina ativa nas torcidas — inclusive na criação de canções, um dos elementos centrais da cultura torcedora.

Outra notícia, intitulada “*Fla cantou como nunca*”,²¹ relatava um episódio de um jogo entre Flamengo e Vasco e ilustra o tratamento machista dirigido às mulheres nas arquibancadas:

“O lado rubro-negro se agitou quando uma mulher passou com a bandeira do Vasco. Foi vaiada e salva de maiores problemas por um rubro-negro mais cavalheiro. Outro, mais fanático, agrediu o próprio companheiro por ajudar a inimiga. Em meio à confusão, duas belas rubro-negras pediram licença para se sentar em local mais confortável. E a torcida esquece a guerra para brindar suas apetitosas torcedoras com os indispensáveis *fiu-fius*.”²²

Como afirmado acima, esses relatos servem para ilustrar uma presença feminina regular nas arquibancadas no Rio de Janeiro, embora não seja possível, nem seja objetivo deste trabalho, afirmar que ela constituía a maioria ou que numericamente igualava a presença masculina, também porque, como já

¹⁹“Vasco tem mil bossas”. *Jornal dos Sports*. 28/04/1968. P. 8.

²⁰“Vasco tem mil bossas”. *Jornal dos Sports*. 28/04/1968. P. 8.

²¹“Fla cantou como nunca”. *Jornal dos Sports*. 02/05/1968. P. 10

²²“Fla cantou como nunca”. *Jornal dos Sports*. 02/05/1968. P. 10

argumentado, o espaço do futebol era considerado eminentemente masculino, e as mulheres eram vistas como meros adornos do espetáculo, permitindo à imprensa fazer comentários como o do último relato. Além disso, é possível inferir que a proibição do futebol feminino também influenciou a menor presença de mulheres em comparação à masculina nas arquibancadas. A força simbólica, nas palavras de Bourdieu, que foi inserida na sociedade por meio da proibição do futebol feminino e da definição desse esporte como campo masculino, teve reflexos nos torcedores. Para ele:

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente e como que por magia, sem qualquer coerção física; mas essa magia só atua com o suporte de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.²³

Em 1973, o Clube de Regatas Vasco da Gama criou a Camisa 12, torcida formada por sócias do clube que passaram a assistir juntas às partidas do campeonato carioca. Sentavam-se em um setor específico das arquibancadas e levavam instrumentos musicais, chamando a atenção da imprensa. Em maio daquele ano, o *Jornal dos Sports* publicou a matéria “*Elas são 30 e a Camisa é 12*”, descrevendo as torcedoras — chamadas de “*luluzinhas vascaínas*” — com bandeiras e percussão.²⁴

Outra reportagem do mesmo jornal, sobre a entrega do Troféu Mário Filho às melhores torcidas, mencionava a vitória da Charanga Rubro-Negra, representada por Jaime de Oliveira, e a participação da Torcida Camisa 12 na cerimônia.²⁵

Ao longo da década, a líder da Camisa 12, Iara de Barros, organizou concursos para eleger a Rainha e Princesa das Torcidas Vascaínas, com apoio de Dulce Rosalina e outras torcedoras. Esses eventos, amplamente divulgados pelo *Jornal Vasco*, demonstram a visibilidade feminina crescente, ainda que enquadrada em papéis de representação simbólica e estética.²⁶

²³ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina. A condição feminina e a violência de gênero**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019, p. 69

²⁴ “Elas são 30 e a Camisa é 12”. *Jornal dos Sports*, 05/05/1973, p. 3

²⁵ “Na festa do Fla, Vasco teve taça também”. *Jornal dos Sports*, 10/05/1973, p. 05

²⁶ “Torcidas elegem sua rainha”. *Jornal Vasco*. Ano XII, Novembro de 1978. Edição 54, p. 6. Documentação fornecida pelo Centro de Memória do Vasco da Gama.

Nos anos 1970, o governo Médici apropriou-se da imagem do torcedor e do futebol como instrumento político, associando-o ao projeto nacionalista da ditadura. O Estado investiu na construção de estádios e fomentou o Campeonato Nacional, promovendo o deslocamento de torcidas e o aumento da cobertura midiática — rádio e TV —, o que alterou profundamente o modo de torcer.²⁷

Com a implementação do Nacional, os torcedores começaram a viajar para acompanhar seus times em diversos estados do país, formando caravanas e adquirindo o hábito de viajar, o que, segundo o argumento de Hollanda, por um lado, aumentou a coesão da identidade dos torcedores, mas, por outro, reduziu seu poder de contestação.²⁸ Além disso, graças à difusão de meios de comunicação como rádio e televisão nos lares brasileiros, o futebol passou a ser um esporte assistido em casa e em família, e não apenas nos clubes de torcedores e nos estádios.

Enquanto o futebol masculino se consolidava como espetáculo de massa, o futebol feminino, após a revogação da proibição em 1979, dava seus primeiros passos na década seguinte.²⁹ Contudo, o corpo feminino continuava alvo de sexualização e controle moral, como analisa Silvana Goellner: se no início do século o corpo da mulher devia gerar bons cidadãos, no final dos anos 1970 ele se tornava um corpo erotizado, exibido e julgado.³⁰ Dessa forma, estádios, ginásios e locais de competições esportivas passaram a ser vistos como espaços nos quais se exibiam os atributos esperados das mulheres esportistas, como beleza e sexualidade.

Em relação às torcidas organizadas, segundo Leonardo Teixeira, já em 1981 foi criada a ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, resultado de uma tentativa de ampliar as possibilidades de relações entre representantes de clubes rivais.³¹ Fundado por Armando Giesta, do Young Flu, o movimento foi liderado por líderes de diferentes torcidas organizadas do Rio de

²⁷ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos. Sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

²⁸ HOLLANDA, 2010. *Op. Cit.*

²⁹ Cf. ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera. A history of women and sports in Latin America**. US: University of Texas Press, 2019.

³⁰ GOELLNER, 2005. *Op. Cit.*

³¹ TEIXEIRA, Leonardo Antonio de Carvalho. **Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Formação de Professores. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2014.

Janeiro que buscavam reduzir os conflitos entre torcedores e construir uma força capaz de propor e obter voz junto à Federação de Futebol do Rio de Janeiro, FERJ.

Em 1981, foi criada a ASTORJ (Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro), liderada por Armando Giesta, da *Young Flu*, com o objetivo de articular torcidas rivais e dialogar com a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ). A associação chegou a reivindicar meia-entrada para mulheres, pleito negado sob o argumento machista de que “todo mundo viraria mulher”.³² Mais uma vez, a presença feminina é notada de forma relevante, pois, mesmo que se possam fazer ressalvas quanto ao pedido realizado, apenas o fato de ele ter sido feito já demonstra que havia a necessidade da demanda.

Também é importante mencionar que, ao longo da década de 1980, o já citado concurso para a “Rainha das Torcidas” do Vasco da Gama, organizado e conduzido por torcedoras de várias associações do clube, manteve suas edições. Em 1984, conforme noticiado novamente pela *Revista do Vasco*, foi realizada mais uma edição, coordenada por Iara de Barros, líder da torcida *Camisa 12*, e com a participação de dezoito concorrentes representando diversas torcidas.³³ A campeã dessa edição foi Ana Lúcia, da *Renovascão*, torcida fundada por Dulce Rosalina, como já mencionado. Também é interessante considerar que a presença das meninas da torcida *Camisa 12* era frequente nos jogos e nas arquibancadas. Por serem, em sua maioria, também sócias do clube, elas tinham acesso mais fácil aos jogadores e à comissão técnica, conseguindo manter contato com alguns atletas e integrantes.

Torcedoras, identidades e deslocamentos nas arquibancadas

Arlei Damo argumenta que a identidade de clube, ou seja, ser torcedor de um time específico de futebol resulta em um sentimento de pertencimento.³⁴ Esse pertencimento pode estar associado a clubes de bairro, clubes da cidade ou a

³² “Aumentaram os ingressos”. *Última hora*, 28/06/1983, p. 12.

³³ “Ana Lucia. Rainha das torcidas”. *Revista do Vasco*. No. 10, Oct., Nov., Dec. 1984, p. 27. Documentação fornecida pelo Centro de Memória do Vasco da Gama.

³⁴ DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio foot-ball Porto Alegrense**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Porto Alegre, 1998.

clubes maiores e mais conhecidos, cujos torcedores podem conferir mais grandiosidade ao espetáculo. Esse sentimento de pertencimento e de participação em um clube pode ir além das fronteiras geográficas. Segundo o autor:

Isso reforça, em minha opinião, a tese de que o futebol mobiliza uma série de questões nacionais, incluindo diferenças regionais, levando torcedores de estados cujos clubes são menos expressivos do ponto de vista performativo a optarem por outros clubes, de outros estados, mas que garantam ao torcedor uma participação efetiva, interessada e bem-sucedida no cenário nacional do futebol.³⁵

No entanto, esse enraizamento, ou pertencimento e identidade de clube, também varia de acordo com o gênero. O pertencimento ou interesse das mulheres pelos esportes é questionado principalmente devido à construção social que as coloca como donas da casa e do espaço doméstico, e não do campo de futebol ou das arquibancadas, reafirmando as diferenças entre quem deve participar do espaço público e privado. Como aponta Damo:

O enraizamento, ou pertencimento, como desejarem, pode variar, pelo menos no caso do futebol brasileiro, de acordo com as relações de gênero.” Entre as representações dos torcedores masculinos, é comum ouvir metáforas que aproximam o amor pelo clube do amor por uma mulher. Souza (1996) dedica um capítulo de sua dissertação ao tema da sexualidade no futebol brasileiro, contestando a afirmação de que o futebol é uma “lição de democracia”. Segundo Souza, as mulheres são excluídas do futebol como sujeitos na medida em que elas mesmas são objeto das discussões, metáforas e analogias do futebol. Como um campo reservado ao “símbolo da masculinidade”, o futebol reforçaria a “dominação masculina tradicional no Brasil”.³⁶

Mas, afinal, o que é essa determinação de gênero nas arquibancadas? O que diferencia o comportamento de homens e mulheres e delimita esse espaço como masculino?

As arquibancadas, consideradas por muito tempo como lugar de homens, acabaram por traduzir, ou por esperar produzir, uma encenação definida de masculinidade, reproduzindo um padrão entendido como masculino e heterossexual. Segundo João Moura, a própria arquitetura dos estádios de futebol

³⁵ Idem, p. 38

³⁶ Idem, pag.61.

contribui para a ideia de serem lugares de pertencimento masculino. Como analisa o autor:

O espaço circular (como regra) dos estádios de futebol remete à arquitetura do grande Coliseu Romano, no qual, curiosamente ou não, eram realizados espetáculos de luta que determinavam a virilidade masculina.³⁷

No entanto, além de determinar lugares de pertencimento, os estádios e arquibancadas nos oferecem alguns insights. Como já mencionado, eles permitem produzir e reproduzir certas normas e formas de conduta consideradas padrão. Por isso, Bandeira afirma que os estádios exercem pedagogia. Para ele:

Os estádios de futebol podem ser pensados como um contexto cultural específico que ensina comportamentos, valores e formas ‘corretas’ ou ‘adequadas’ de diversas práticas por meio de seu desenho arquitetônico, cânticos repetidos e performances explícitas. Os estádios constituem um artefato cultural, eles são produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias. Os estádios são coisas concretas, não apenas porque são feitos de concreto, mas porque se constituem como artefatos, portadores de pedagogias de gênero e sexualidade, entre outras pedagogias culturais. É necessário passar por diferentes processos de aprendizagem para que os sujeitos possam ser introduzidos nesse contexto cultural. Estar em um estádio de futebol significa passar por diferentes pedagogias. É preciso aprender quando gritar, quando ficar em silêncio, o que gritar, o que silenciar, o que e como sentir.³⁸

Dentro dessa pedagogia das arquibancadas, o padrão masculino heteronormativo é exaltado, fazendo até mesmo alguns grupos progressistas tentarem se enquadrar em algum tipo de padrão.

No Brasil, o papel do torcedor de futebol é regulamentado por legislação específica, conhecida como Estatuto do Torcedor, criada sob o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu primeiro mandato, em 2003. Segundo a lei, “torcedor” é definido, em seu artigo 2º, como: “toda pessoa que aprecia, apoia ou se associa a qualquer entidade de prática esportiva no país e

³⁷ MOURA, João Carlos da Cunha. **Joguem como Homens! Masculinidades, liberdade de expressão e homofobia em estádios de futebol no estado do Maranhão**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019, p. 49.

³⁸ BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma História do Torcer no presente. Elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019. 2019, p.116

acompanha a prática desse esporte”.³⁹ Portanto, de acordo com a lei, um torcedor é toda pessoa que se identifica com um time ou clube e o acompanha, assiduamente ou não.

Uma primeira observação interessante em relação ao estatuto é que, no corpo da lei, não há menção ou tratamento diferenciado de gênero, seja pensando na preservação da integridade física ou no acesso e permanência garantidos nos dias e locais de jogo.⁴⁰ Portanto, não há na legislação uma observância específica da presença das mulheres e de suas próprias pautas nos eventos esportivos. Esse silenciamento pode ser analisado de diferentes formas. A primeira é acreditar que a não diferenciação visava evitar a acusação de segregação do público feminino, já que a necessidade de suas próprias pautas poderia ser questionada. Essa explicação se esvazia, pois é a própria vontade e reivindicação das mulheres que algumas medidas priorizem sua segurança e conforto. A segunda explicação reside no fato de que a ausência de diretrizes específicas para mulheres se deve à crença de que os estádios não são ambientes amplamente frequentados por mulheres, e, portanto, artigos específicos seriam desnecessários.

Muitas pesquisas sobre torcedores e torcida se concentraram principalmente nos torcedores organizados (masculinos). No entanto, como Bandeira já argumentou em sua pesquisa de doutorado sobre torcedores comuns do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, os torcedores considerados comuns, que frequentam regularmente os estádios, mas não estão associados a nenhum clube de torcedores específico, também incorporam várias características da torcida e são educados com base na pedagogia dos estádios e arquibancadas, para que possam participar efetivamente do pertencimento a esse ambiente. Segundo o autor:

Os torcedores organizados, vistos como protagonistas nas representações da torcida, podem gerar certa impressão de homogeneidade nas manifestações de torcida nos estádios de

³⁹BRASIL, Senado Federal. Decreto- Lei nº. 10.671 de 15 de maio de 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10671-15-maio-2003-496694-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 15 de março de 2023.

⁴⁰ Pode-se argumentar que, em estádios e eventos esportivos, a revista feminina é realizada por mulheres, conferindo assim um destaque de gênero à participação feminina nesses espaços. No entanto, o projeto de lei que estabelece a revista em eventos esportivos (PL 4627/16), determinando que ela deve ser feita por pessoas do mesmo sexo, é uma norma geral, que se aplica a eventos de qualquer natureza. Ou seja, na legislação específica para o caso dos esportes – e do futebol – como o já mencionado Estatuto do Torcedor, não há uma determinação de especificidade de gênero.

futebol. No entanto, muitas disputas por legitimidade acontecem, especialmente nos setores dos ‘torcedores comuns’.⁴¹

Entre as torcedoras, essa disputa não é menos verdadeira. Ainda é muito comum ouvir que as mulheres entendem menos de futebol que os homens porque não o praticam, embora essa afirmação tenha sido questionada e criticada por torcedores e pesquisadores, como o sociólogo Arlei Damo mencionado anteriormente. Damo afirma que o entendimento de uma partida de futebol é resultado da comunicação estabelecida entre o ato e a reação que ele provoca. Sem subestimar a relevância da experiência, o autor argumenta que, ao perceber o jogo como uma linguagem e considerar os jogadores como emissores e os torcedores como receptores, cada chute corresponderia a um código que precisa ser decifrado por quem está nas arquibancadas.⁴²

Sendo assim, um lance específico pode ser entendido mesmo por aqueles que não estão diretamente envolvidos ou que nunca participaram de um evento semelhante. Basta atribuir um significado ao evento, o que está ao alcance de qualquer indivíduo, independentemente de gênero.

Com o passar dos anos, a variedade de grupos de torcedores, que tinham mais ou menos as mesmas características dos clubes de torcedores jovens das décadas anteriores, aumentou, além da presença dos clubes de torcedores jovens originais, que ainda existem hoje nas arquibancadas do Rio de Janeiro. Isso aumentou cada vez mais as divisões nos estádios e, assim, possibilitou o crescimento da disputa entre eles. Como já foi visto, a declaração de identidade de um grupo de torcedores é feita, acima de tudo, em contraste com o outro, o diferente, o rival. Mesmo que esse rival seja um clube de torcedores do mesmo time.

Rosana Teixeira descreve algumas das características organizacionais que definem os clubes de torcedores jovens — e grupos organizados em geral que seguem o mesmo padrão — no Rio de Janeiro.⁴³ Segundo ela, essas associações têm caráter sem fins lucrativos e são basicamente organizadas por meio de uma estrutura que compreende presidente e vice-presidente; conselho; várias diretorias (financeira, comunicação, bandeiras e estandartes, instrumentos

⁴¹ BANDEIRA, 2019, p. 85

⁴² DAMO, 1998.

⁴³ TEIXEIRA, 2003.

musicais) e seus membros, responsáveis pelo pagamento de uma mensalidade que garante, grosso modo, a quitação das despesas com a sede, funcionários, que também são torcedores, e outras despesas do clube de torcedores.

A identificação com esses torcedores ocorre pelo uso de camisas, pela colocação de bandeiras e pelos cânticos que cantam durante os jogos. Graças ao caráter protestante, os grupos organizados frequentemente cantam músicas que ofendem ou insultam jogadores, treinadores, dirigentes ou até outros torcedores, muitas vezes considerados rivais diretos, como Flamengo e Vasco no Rio de Janeiro, por exemplo.

A associação desses clubes de torcedores à violência no futebol é um tema que permeia o entendimento comum e é ratificado pela imprensa e grande parte da mídia esportiva. Claro que há jornalistas e comentaristas esportivos que ainda buscam relativizar toda a atribuição de violência a esses grupos, considerando que a violência atribuída aos clubes organizados é realizada por uma minoria que deles participa. O discurso da violência foi um dos argumentos utilizados e responsável pela criação de novas formas de torcer e grupos de torcedores no Brasil a partir dos anos 2000, como informa Francisco Rodrigues.⁴⁴ Este é o caso das chamadas Torcidas de Alento, que começaram a se espalhar pelo país a partir do nascimento da Torcida Geral do Grêmio, fundada em 2001.

Essas novas formas de torcida nasceram em um momento considerado de crise dos grupos organizados, que sofreram grandes restrições na década de 1990, devido a episódios graves de violência, como o conhecido caso da Guerra do Pacaembu, em São Paulo, que culminou na expulsão ou punição severa desses grupos. Ou mesmo em um momento de maior comercialização do futebol e início de seu elitismo. Isabella Menezes, em livro resultante de sua dissertação sobre dois clubes de torcedores do Botafogo de Futebol e Regatas, afirma que parte da premissa de que “a modernização do futebol possibilita/estimula o surgimento de transformações na forma de torcer”.⁴⁵

⁴⁴ RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudança na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. 140fls. Dissertação - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2012.

⁴⁵ MENEZES, Isabella Trindade. **Entre a Fúria e a Loucura: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo de Futebol e Regatas**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017, p. 76

Essa nova forma de associação de torcedores teve seu primeiro expoente nos clubes de torcedores do Grêmio, como já mencionado. Segundo Francisco Rodrigues, cansados das brigas internas entre os clubes de torcedores do Grêmio, os torcedores da Torcida Jovem decidiram mudar seus lugares nas arquibancadas e passar a assistir aos jogos na área geral, lugar que mais tarde daria nome a um novo clube de torcedores e inauguraria uma forma diferente de torcer pelo time. Em vez do espírito de protesto dos clubes de torcedores jovens, o novo clube assumiu uma postura de incentivo aos jogadores, propondo apoiar o time com cânticos durante toda a partida, sem espaço para vaías ou reclamações.

Segundo Rodrigues:

Nesse 'novo' espaço, eles queriam cantar, fundamentalmente. Cantar durante todo o jogo pelo Grêmio, pelo time em campo, mudar o humor dos jogadores, exigindo deles, em troca, dedicação e entrega total em campo. E não se tratava mais apenas de cantar. Seus cânticos foram chamados de Alentos. Uma expressão que representava o necessário para estar naquele lugar, que não exigia requisitos formais para seus novos adeptos.⁴⁶

É graças a essa nova forma de torcer e cantar, apoiar e incentivar os jogadores que esses novos torcedores buscavam se diferenciar dos organizados, que, segundo eles, só cantavam quando o time marcava gols. Este clube de torcedores, especificamente, ainda apresenta outras características particulares, como o uso de trapos, tecidos antigos onde alguma imagem ou notícia é pintada, ou mesmo a realização da chamada avalanche após o Grêmio marcar um gol, quando os torcedores dos níveis superiores descem os degraus até chegar ao corrimão do estádio.

Para Rodrigues:

Em um momento de ruptura com outras instituições, ficou reforçado que os torcedores presentes na área geral não eram iguais àqueles que acusavam de serem corruptos, oportunistas do Grêmio e que não incentivavam o clube. O uso de uma bandeira antiga transformada em trapo fez desses novos torcedores um anti-clube de torcedores. A memória da criação desse símbolo é marcada ritualisticamente como a passagem de um grupo de questionadores para um novo movimento, um novo clube de torcedores.⁴⁷

⁴⁶ RODRIGUES, 2012. *Op. Cit*, p.51

⁴⁷ RODRIGUES, *Op. Cit*, p.53

Ainda segundo o autor, a denominação desse clube como “torcida de alento” se deve ao brasão do novo clube, no qual estão escritas as palavras: “Arraste, amizade, incentivo (alento)”. Para ele, a extensão da nomenclatura “torcida de alento” a outras associações de clubes de torcedores, como as surgidas no Rio de Janeiro a partir de 2006, deve ser mais estudada. No entanto, outros autores, como a já mencionada Isabella Menezes, utilizam essa classificação para os clubes de torcedores do Rio de Janeiro, classificação que também será usada aqui, pois, no Rio, um dos princípios desses novos clubes de torcedores é apoiar incondicionalmente o time, o que possibilita a associação entre o apoio dos clubes de torcedores do Rio e o incentivo usado pelos torcedores do Grêmio.⁴⁸ Exemplos desses clubes no Rio de Janeiro são: Guerreiros do Almirante (do Vasco da Gama); Movimento Popular Legião Tricolor (do Fluminense); Loucos pelo Botafogo (do Botafogo); e Urubuzada (do Flamengo).

Alguns desses grupos de torcedores se inspiram em outra forma de torcida, amplamente utilizada em países sul-americanos, especialmente Argentina e Uruguai, conhecida como barrabrava, de modo que alguns clubes cariocas surgidos a partir desse movimento se identificam em seus sites usando a nomenclatura de “barras”, como Loucos pelo Botafogo⁴⁹ e Guerreiros do Almirante⁵⁰, que em suas páginas no Facebook se caracterizam dessa forma. No entanto, essa associação com a mesma forma de torcer dos hermanos deve ser vista com certa nuance. Assim como os torcedores dos clubes organizados no Brasil, os membros das barras sul-americanas se preocupam em embelezar o espetáculo, levando bandeiras, estandartes, instrumentos musicais etc. Mas a

⁴⁸ É importante mencionar que tenho ciência dos debates sobre a ampliação ou não do termo para as torcidas no Rio de Janeiro; contudo, não é objetivo deste trabalho criar ou contrapor novos conceitos sobre torcedores e fãs. Dito isso, tal denominação funciona para os propósitos propostos por esta pesquisa, que consistem, em linhas gerais, em compreender a posição feminina dentro dessas torcidas. Também é importante mencionar que a fluidez entre torcedores e entre os próprios agrupamentos não foi desconsiderada. Gustavo Bandeira (2019), em sua tese de doutorado, também faz uso da nomenclatura *Torcida de Alento* para se referir às novas torcidas cariocas. Segundo o autor, “Apesar do imperativo apoio incondicional aparecer nos cantos dos torcedores (especialmente a partir da ética/estética da Geral do Grêmio, da mesma forma que da Popular do Sport Club Internacional), o que no Rio de Janeiro vem sendo chamado de torcida de alento...” (BANDEIRA, 2019, p. 55).

⁴⁹ Loucos pelo Botafogo. Página da torcida. Disponível em: <https://www.facebook.com/LoucosPeloBotafogoOficial>. Acesso em 09 de março de 2023.

⁵⁰ Guerreiros do Almirante. Página da Torcida. Disponível em: <https://www.facebook.com/gdavg/>. Acesso em 09 de março de 2023.

associação tende a parar aí. A violência frequentemente associada às barras sul-americanas é justamente o que condena os movimentos chamados barras no Brasil.

Duas observações são importantes aqui. A primeira é destacar a fluidez desses grupos de torcedores e de seus membros. Como já afirmado ao longo deste trabalho, pertencimentos e identidades são múltiplos e podem variar. Essa multiplicidade é o que permite a um torcedor fazer parte de um clube organizado, depois ingressar em uma barra, condenando os princípios dos clubes organizados, e depois retornar a participar de um clube organizado novamente, talvez aquele que ele participava anteriormente, ou até outro. Essa ideia de pertencimento a determinado grupo, embora para alguns torcedores devesse ser permanente e a troca condenada, para outros é mutável e fluida. Essa mobilidade também é verdadeira dentro dos próprios grupos: alguns que nascem como clubes de torcedores podem se tornar um movimento ou uma barra, ou até tomar um caminho oposto. O importante é destacar que, apesar das definições feitas, nem os grupos mencionados nem seus membros seguem uma lógica de fixidez e imobilidade. Pelo contrário, ambos são e/ou podem ser e realizar mudanças e flexibilidades em relação ao seu pertencimento como torcedores.

Todas as explicações e demarcações feitas sobre as formas de associação e clubes de torcedores no Brasil incluem, obviamente, a participação feminina. A partir dos anos 2000, a presença feminina nos estádios brasileiros tem aumentado e, com ela, as demandas e reivindicações levantadas pelas mulheres das arquibancadas.

Tanto é que foi criado no Brasil um movimento de torcedoras chamado Mulheres de Arquibancada. O movimento, que une torcedoras de diferentes times e clubes, inclusive rivais, busca debater e propor melhorias para si mesmas. Ser mulher na arquibancada produz e exporta um pertencimento diferente do de ser homem nos clubes de torcedores. As demarcações de gênero e estereótipos mencionados neste trabalho, que recaíram sobre as torcedoras ao longo de várias décadas do século XX, não desapareceram magicamente no século XXI. Em muitos casos, os estereótipos foram atualizados e remodelados, mas as questões de gênero e preconceitos ainda estão presentes nas arquibancadas.

Tanto é que, em 2017, o movimento Mulheres de Arquibancada organizou um evento, sediado pelo Museu do Futebol em São Paulo, a fim de debater a situação das torcedoras no Brasil e, sobretudo, elaborar pautas a serem discutidas, tanto dentro dos clubes de torcedores a que pertenciam quanto pela ANATORG (Associação Nacional de Torcidas Organizadas).

Antes do final do encontro, uma carta de intenções foi redigida coletivamente, contendo as principais propostas levantadas pelas torcedoras durante o evento, buscando ser um objetivo de luta para os próximos encontros. A carta trouxe essas proposições estruturadas em tópicos, com uma breve introdução:

As proposições abaixo foram reunidas e elaboradas com base nos discursos das torcedoras presentes no evento. Essas sugestões contribuem para a construção de um ambiente mais democrático, equitativo e inclusivo no futebol. Servirá também como instrumento documental relevante no registro da participação das mulheres na história do futebol brasileiro, além de guiar o debate sobre problemas e desigualdades no âmbito de clubes de torcedores, coletivos, locais de futebol, autoridades públicas, policiais civis e militares, jornalistas esportivos e representantes da Secretaria de Estado de Esportes. Como se sabe, os clubes de torcedores organizados ocupam um lugar importante no imaginário social e na opinião pública em geral. Entende-se que os indicadores apresentados neste documento podem contribuir para a discussão realizada pela mídia, bem como para a constituição de políticas públicas adequadas, levando em consideração a contribuição das mulheres que participam há anos e assiduamente em grupos de torcedores, assim como aquelas que frequentam individualmente os diferentes ambientes dedicados a este esporte.⁵¹

Assim, o documento teve o objetivo de sintetizar os pedidos e desejos das torcedoras dentro e fora dos estádios, para que, em breve, as arquibancadas e o futebol possam ser efetivamente considerados inclusivos. Entre as diretrizes, destacaram-se: atenção ao futebol feminino; segurança nos estádios, especialmente por meio da implementação de uma Delegacia da Mulher, bem como o treinamento de policiais para lidar com torcedoras; combate ao sexismo estrutural e fim das restrições às roupas e acessórios das mulheres nos estádios, para que, em breve, as arquibancadas e o futebol possam ser efetivamente

⁵¹Documento de proposições do 1º Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, 2017, p.1. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/662830/>. Acesso em 10 de março de 2023.

considerados inclusivos. Entre as diretrizes, destacaram-se: atenção ao futebol feminino; segurança nos estádios, especialmente por meio da implementação de uma Delegacia da Mulher, bem como o treinamento de policiais para lidar com torcedoras; combate ao sexismo estrutural e fim das restrições às roupas e acessórios das mulheres nos estádios, assim como em seus papéis nos clubes de torcedores; melhoria das estruturas dos estádios para atender às mulheres; e a inserção de mulheres em órgãos representativos como a ANATORG, entre outras demandas.

A maioria dessas demandas ainda não foi atendida; no entanto, a importância do evento reside justamente no fato de sua existência. Isso demonstra não apenas a presença das mulheres nas arquibancadas no Brasil, mas também a sua luta por condições mais equitativas para torcer.

Conclusão: o lugar da mulher

“Elas sabem o que é impedimento. E você, sabe o que é respeito?”⁵²

Diante do que foi apresentado neste artigo, podemos afirmar que a trajetória das mulheres nas arquibancadas é perene e constante ao longo dos séculos XX e XXI. Assim como o próprio esporte, o significado de torcer e as formas de ser e se apresentar como torcedora variaram ao longo do tempo. No entanto, a associação das mulheres com o futebol — seja nas arquibancadas ou em campo — nunca deixou de existir.

Como que para ratificar os argumentos aqui apresentados, especialmente sobre a presença feminina independentemente de ter ou não um acompanhante no estádio, e o afastamento dos torcedores relacionados à violência, recentemente, os torcedores do Coritiba, clube de futebol do estado do Paraná, foram punidos por atos violentos e proibidos de comparecer ao estádio na partida seguinte do time.

⁵² Frase escrita em um cartaz por torcedoras do Remo, que acabou sendo utilizada posteriormente por outras torcedoras quando aderiram à campanha **#deixaelatorcer**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/03/torcedoras-usam-a-hashtag-deixaelatorcer-para-pedir-respeito-as-mulheres-nos-estadios-cjeujrqazO3uqO1p4nqbejxi8.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Diante disso, as mulheres *Coxa-brancas*⁵³ assumiram um papel enorme e, frequentemente acompanhadas de seus filhos e filhas, lotaram as arquibancadas do Estádio Major Couto Pereira e proporcionaram um espetáculo bonito, cantando do início ao fim e fazendo suas vozes serem ouvidas à distância nos arredores do estádio.⁵⁴

Esse fato demonstra duas coisas. A primeira, já exaustivamente apontada neste artigo, é que a presença feminina é independente da masculina. A apreciação das mulheres pelo futebol e por seu time é verdadeira e é o que as leva aos estádios, não seus acompanhantes.

O segundo ponto é a associação entre torcedor, masculinidade e violência. A punição dos membros masculinos dos torcedores ocorreu após um episódio de violência em um clássico. O fato de apenas mulheres e crianças terem sido permitidas nos jogos seguintes deixou claro que as autoridades associam a violência à masculinidade e aos membros masculinos dos torcedores, especialmente os organizados.

Outra situação recente que reacende os debates aqui levantados diz respeito ao projeto de lei da deputada Sâmia Bomfim, proposta 168/2023, que prevê ingresso com meia-entrada para mulheres em partidas de futebol.⁵⁵ A justificativa do projeto se dá pela exclusão das mulheres do futebol no Brasil, especialmente por meio do decreto de proibição, que contribuiu para reafirmar a lógica do futebol como espaço masculino. No entanto, esse projeto pode, e acredito que irá, caso a discussão avance na Câmara, suscitar alguns debates. Destaco dois deles aqui.

O primeiro diz respeito à intencionalidade do projeto. Como já apontado neste artigo, na década de 1980, uma proposta de ingresso com meia-entrada para mulheres havia sido mencionada, gerando reações conflituosas. Claro que é necessário considerar a mudança de mentalidade entre aquela proposta e a nova proposta legislativa. No entanto, acredito que declarações da mesma natureza,

⁵³ *Coxa-Branca* é o apelido dado aos torcedores(as) do Coritiba Football Clube.

⁵⁴ Coritiba coloca apenas mulheres e crianças no estádio após punição por briga de torcidas”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/coritiba-coloca-apenas-mulheres-e-criancas-no-estadio-apos-punicao-por-briga-de-torcidas/>. Acesso em 16 de março de 2023.

⁵⁵BRASIL, Câmara dos Deputados. PL 168/2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2346893>. Acesso em 23 de março de 2023.

alegando que todos gostariam de ser mulheres, podem se repetir na sociedade brasileira. Além disso, a proposta também pode ser interpretada de forma paternalista, como se as mulheres precisassem ser incentivadas de alguma forma a ir aos estádios, ou que só iriam se não precisassem pagar. Ainda nesse sentido, assumindo que a sociedade brasileira ainda carrega fortes traços de misoginia e sexismo decorrentes do patriarcado, é razoável supor que tal proposta levará muitos torcedores homens a se posicionarem contra a meia-entrada para mulheres, resultando nas mais variadas reações, como menosprezar a ideia do projeto ou até tentar lucrar com a revenda do ingresso.

Enquanto isso, um segundo ponto de análise está relacionado à real necessidade da meia-entrada. O fato é que, em diferentes regiões do Brasil, os ingressos para partidas estão cada vez mais caros, especialmente nos estádios-arena. Entretanto, o valor dos ingressos é muito mais uma questão de classe do que de gênero. Acredito que teria muito mais valor uma política que vise reduzir o preço dos ingressos ou uma forma de subsidiar alguns ingressos para a população de baixa renda. Sem dúvida, tal proposta daria passos muito maiores para fazer do futebol aquilo que ele originalmente se propunha a ser: um esporte popular.

Certamente existem muitos outros pontos a serem debatidos sobre a proposta, e eles certamente serão debatidos nos órgãos responsáveis, como a Câmara dos Deputados. A apresentação da proposta aqui visa mais iniciar uma discussão do que respondê-la.

A presença feminina nos torcedores, parafraseando uma analogia de Suely Gomes, apresenta-se como um rizoma.⁵⁶ Sempre presente, mesmo que dispersa ou em pequena quantidade, ou mesmo que nem sempre à superfície. As torcedoras, no Rio de Janeiro e no Brasil, sempre estiveram presentes em apoio ao seu time favorito.

⁵⁶ GOMES, Suely. Onda, rizoma e 'sororidade' como metáforas: representações das mulheres e dos femininos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). Revista *InterThesis*, Santa Catarina, 2009.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma História do Torcer no presente. Elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol.** Curitiba: Appris, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina. A condição feminina e a violência de gênero.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, n.4. Rio de Janeiro. 2006.

DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio foot-ball Porto Alegrense.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande de Sul. Porto Alegre, 1998.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera. A history of women and sports in Latin America.** US: University of Texas Press, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOMES, Sueli. Onda, rizoma e 'sororidade' como metáforas: representações das mulheres e dos femininos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). Revista **InterThesis**, Santa Catarina, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7letras. 2010

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIA, João M.C.; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **A torcida Brasileira.** Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

MALAIA, João. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (Bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIA, João M.C.; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **A torcida Brasileira.** Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos. Sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina.** Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

MENEZES, Isabella Trindade. **Entre a Fúria e a Loucura: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo de Futebol e Regatas.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

MOURA, João Carlos da Cunha. **Joguem como Homens! Masculinidades, liberdade de expressão e homofobia em estádios de futebol no estado do Maranhão.** Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019, p. 49.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudança na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro.** 140fls. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2012.

SCOTT, Joan. Gender: Uma categoria útil de análise histórica. **Revista educação e realidade.** Jul/Dec. 1995.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da Paixão. Visitando jovens torcidas cariocas.** São Paulo: Annablume, 2003.

TEIXEIRA, Leonardo Antonio de Carvalho. **Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989).** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Formação de Professores. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2014.